

Reseña

Miryam Colacrai y Gladys Lechini (comp.) (2023), Política exterior Argentina (2014-2022). Continuidades, ajustes, cambios o reestructuraciones. Rosario, CERIR/UNR Editora, 318pp.

Desde 1994 que o CERIR – Centro de Estudios em Relaciones Internacionales de Rosario – vem publicando periodicamente coletâneas sobre a política externa argentina, formando uma coleção que acompanha o tempo. As coletâneas contam majoritariamente com docentes da Universidad Nacional de Rosario e/ou pesquisadores do CERIR, mas contam também com a participação também de pesquisadores convidados. Recentemente, foi publicado VII Tomo, compondo com os demais uma fonte de consulta necessária para aqueles que estudam ou se interessam pela política externa argentina.

Dando sequência aos tomos anteriores, o objetivo de Política exterior Argentina (2014-2022). Continuidades, ajustes, cambios o reestructuraciones é fazer um seguimento à política externa e relações externas da Argentina, com vistas a proporcionar aos leitores um manual sobre o tema. Seus principais atores e agendas externas são destacados fornecendo uma visão mais abrangente da trajetória da política externa do país.

Em termos temporais, a coletânea abarca o final do governo de Cristina Fernández de Kirchner, o governo de Mauricio Macri completo e os dois primeiros anos do governo de

Alberto Fernández. Esse período foi marcado por mudanças importantes nos cenários internacional, regional e doméstico, sendo o último com duas alternâncias de partidos e de governos, com visões de mundo diferentes, que por extensão tiveram impactos de mudanças na política externa. Embora a maioria dos capítulos trate dos oito anos contemplados no título, alguns deles têm o foco em um ou outro governo. Por ser o governo cujo mandato se enquadra complementemente no período, a política externa de Maurício Macri tem presença mais marcante no livro.

Em termos teóricos os capítulos majoritariamente coincidem em destacar a importância dos fatores domésticos como variáveis independentes e, particularmente, os impactos da alternância de governos na política externa e nas relações exteriores. As variáveis sistêmicas são contempladas em alguns capítulos com uma visão prioritariamente realista do cenário internacional. A metodologia que norteia a obra é qualitativa; com pequenas variações, as contribuições são prioritariamente de perfil descritivo, combinado com a análise dos fenômenos. Muitos capítulos reiteram que a política externa, em termos gerais, é vista na obra como uma política pública.

A coletânea conta com dezesseis capítulos e pode ser dividida em dois tipos de contribuição. O primeiro deles diz respeito a reflexões e dados sobre política externa argentina e talvez sobretudo as relações exteriores da Argentina, orientadas para parceiros externos específicos, sejam eles países ou regiões, e dois capítulos que analisam a perspectiva argentina desde e para o Mercosul. As últimas quatro contribuições tratam de temas precisos, como política de

defesa, Questão Malvinas, cooperação em ciência e tecnologia e a inserção financeira internacional do país.

O primeiro grupo de capítulos é composto por doze capítulos orientados para a política externa frente a parceiros externos. Dentre os países e grupos de países na América Latina, menos representados, a coletânea conta como abertura com um capítulo que versa sobre o comportamento da Argentina frente a crises no Brasil, na Bolívia e na Venezuela, com um capítulo sobre as relações da Argentina com o Chile e outro sobre o comportamento da Argentina frente ao Mercosul. Dentre os países parceiros externos em outros continentes são contempladas as relações da Argentina com Estados Unidos, China, Rússia e Índia. Em termos de grupos de países, são contempladas as relações da Argentina e do Mercosul com a União Europeia, da Argentina com os países do Oriente Médio, com os países do Golfo Pérsico, e com os países africanos.

O primeiro capítulo, de Natalia Ceppi, María Elena Lorenzini y Gisela Pereyra Doval analisa o comportamento do governo de Mauricio Macri frente a três crises políticas que tiveram lugar na região; a saber, a crise do impeachment da presidente Dilma Rousseff no Brasil; a crise de 2019 que resultou no afastamento de Evo Morales da presidência; a crise resultante da deterioração das relações entre o governo de Nicolas Maduro e a oposição no país que culminou com a reeleição de Nicolás Maduro para a presidência em 2018. Nos três casos, o foco não é exaustivo, mas sim em uma abordagem pontual, expandindo-se para as relações da Argentina de Macri e a Bolívia, de Evo Morales. Nos dois primeiros casos Macri adotou um

comportamento pragmático enquanto que, no terceiro caso, a resposta do governo argentino foi de perfil ideológico.

O capítulo sobre as relações da Argentina com Chile, de Myriam Colacrai, trata dos oito anos de forma abrangente. Fornece um breve, e rico, relato sobre as políticas externas da Argentina e da Chile, incluindo os governos de Cristina Fernández de Kirchner, Mauricio Macri e Alberto Fernandez do lado argentino e Michelle Bachelet, Sebastián Piñera e o início do de Gabriel Boric do lado do Chile. A autora também examina as agendas bilaterais entre os dois países, nos cinco pares de presidentes, mostrando como nos três primeiros casos as relações foram pragmáticas e não apontaram mudanças significativas, enquanto com os governos de Fernández e Piñera, às diferenças no campo das preferências políticas, se somou a crise da pandemia e seus impactos nas relações bilaterais. O texto aponta a densidade das relações entre ambos durante o período.

O capítulo que se segue, de Hugo Ramos, abarca também os oito anos e os três governantes, mas frente ao Mercosul. Para tanto, o autor combina elementos da análise de discursos e dados quantitativos que reforçam seu argumento. O capítulo apresenta obstáculos para avanços no bloco permeados, sobretudo, pela queda no intercâmbio comercial da Argentina com os demais parceiros na primeira presidência e relativa estabilização no governo de Macri. Destaca diferenças entre os três governos, passando de uma concepção multidimensional nos governos de Cristina Fernández e de Alberto Fernández para o viés comercialista de Mauricio Macri. Conclui com o governo de Alberto Fernández que assistiu

uma desconstrução dos interesses comuns e, de novo, uma queda no comércio da Argentina com os parceiros de bloco.

Abrindo o segundo grupo, de capítulos que examinam a política externa ou as relações da Argentina para/com países grandes consolidados e/ou emergentes, Anabella Busso examina as relações da Argentina com os Estados Unidos durante os oito anos contemplados no livro. Para tanto, utiliza além dos fatores domésticos, fatores sistêmicos com foco o nas preferências de política externa dos presidentes norte-americanos de turno. Em relação aos fatores domésticos, ressalta as preferências em política externa dos três governos e as suas estratégias de desenvolvimento. O texto destaca que o principal tema da agenda das relações bilaterais durante o período foram a negociação pela Argentina da dívida soberana e, depois, com o Fundo Monetário Internacional. O capítulo mostra o impacto dos fatores domésticos nas relações da Argentina com os Estados Unidos e, de passagem, fornece o quadro interessante das políticas externas dos três governos.

O capítulo sobre as relações da Argentina com a China apresenta um panorama dos oito anos de interação entre os dois países, destacando com dados quantitativos a importância chinesa nos investimentos em setores de bens de capital, no comércio externo e na cooperação no setor de ciência e tecnologia. As relações, pautadas durante o período por uma associação estratégica integral, são claramente marcadas por uma assimetria entre os dois países. Apesar da forte dimensão pragmática das relações entre os dois países, Carla Oliva aponta algum impacto das preferências dos presidentes nas relações entre ambos, tendo experimentado uma pequena redução das iniciativas durante o governo de Mauricio Macri. O texto indica que o

comércio, com exportações complementares, seguiu uma trajetória própria, cujo impacto mais relevante não foi a alternância de governo, mas a pandemia da COVID 19.

Ricardo Torres analisa as relações da Argentina com a Rússia desde 2003 indicando que estas privilegiaram o aspecto político, mais que o econômico. Se por um lado o autor indica os limites do comércio bilateral e os esforços da Argentina para atrair capitais russos para investimentos no setor de energia, por outro ressalta proximidade em diferentes momentos no que diz respeito ao enfrentamento aos Estados Unidos. O segundo mandato de Cristina Fernández foi o ponto mais alto das relações entre ambos. As iniciativas são reduzidas com o governo de Mauricio Macri mas, também nesse caso, segundo o capítulo, o pragmatismo prevalece. Com Alberto Fernández e a pandemia cresce a cooperação científica ente ambos.

A análise da interação entre Argentina e a União Europeia, proporcionada por María Vitoria Álvarez e Marta Cabeza é o primeiro exemplo de relações entre a Argentina e um grupo de países no período indicado no título. O capítulo incorpora duas dimensões das relações: da Argentina com a União Europeia em seu conjunto e da Argentina com países membros na dimensão bilateral. O capítulo indica o impacto das mudanças de governo nas relações da Argentina com a União Europeia, passando do entrave do protecionismo argentino no final do governo de Fernández de Kirchner, passando pela busca, de Mauricio Macri, de aproximar-se dos países europeus como núcleo do Ocidente, e chegando a Alberto Fernández, também preocupado com um viés protecionista. No geral, os êxitos das iniciativas de aproximação foram limitados, uma vez que, como em outros capítulos da coletânea, a questão financeira se impôs sobre as demais.

Saindo do foco nas relações da Argentina com parceiros externos, mas pensando na Argentina dentro de uma iniciativa de integração regional, a obra de Roberto Falcón foca na dimensão inter-regional: na interação entre o Mercosul e a União Europeia, tendo o acordo de livre comércio entre ambos como seu principal instrumento. O capítulo descreve a trajetória das negociações de 2016 até a assinatura do acordo em 2019, ressaltando seus obstáculos no campo.

Por **Miriam Gomes Saraiva**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro E-mail: miriamsaraiva@uerj.br



Esta obra está bajo una licencia internacional <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>